



TOLEDO, Conceição Arruda. I Congresso Histórico de S. Paulo.
Correio Popular, Campinas, 04 fev., 1972.

I Congresso *Correio Popular*
Histórico de S. Paulo $\frac{4}{2}$

Conceição Arruda TOLEDO $\frac{72}{72}$

O "Correio Popular" de 16-1-72 trouxe em destaque a notícia de que "Campinas vai ser a Capital da História", no período entre duas datas de grande significação: o 9 de julho, data magna dos paulistas que marca o início da Revolução Constitucionalista de 32 e que neste ano estará completando seu quadragésimo aniversário, — como início de um Congresso de História; e o 14 de julho, data comemorativa da fundação de Campinas, — como término dos trabalhos que congregarão homens dedicados à História do Brasil, em geral; de São Paulo, em particular; e de Campinas, em especialíssimo destaque.

Ao concluir a entrevista ao nosso jornal, os universitários Rui Rodrigues Machado e José Tarciso Florentino da Silva, presidente e vice-presidente, respectivamente do Centro de Estudos Históricos "Visconde de Porto Seguro", afirmaram que já é tempo de Campinas instalar seu famigeradíssimo Museu Histórico Municipal, que tantas vezes defendi desta coluna de jornal.

Na mesma data, em outro caderno, "Depoimento", assinado por Célia Siqueira Farjallat, ouvindo o ilustre historiador, Comendador Theodoro de Sousa Campos Júnior, membro da Academia Campinense de Letras, chegava à mesma conclusão: Campinas conserva engavetado há anos, o projeto que regulava a instalação de um Museu Histórico Municipal, perdendo-se, extraviando-se, ou escondendo-se a sete chaves, os documentos de que em muito serviriam aos interessados nos estudos históricos.

Outros recortes de jornais atestam o quanto os intelectuais de Campinas lastimam essa lacuna. A 8-4-71, Mário Pires, outro membro da Academia Campinense de Letras, refere-se às declarações de Bráulio Mendes Nogueira, jornalista e historiador, responsabilizando a Prefeitura Municipal, por uma deficiência imperdoável para uma cidade como Campinas, "que possui "juridicamente", desde a década de 30, o seu Instituto Histórico que, infelizmente, nunca foi instalado, — Instituto esse, que tem uma diretoria "perpétua", sendo seu presidente, antigo e ilustre caudado campineiro". (Que eu senti não fosse mencionado o nome). E Mário Pires concluía que confiava no interesse do ilustre Secretário da Educação e Cultura, para que pudessemos sanar essa falha. (Isso eu também já afirmei, em outra oportunidade...)

Por diversas vezes os jornais vêm publicando "esperanças", pela divulgação proveniente da Secretaria da Educação, ou pelas palavras do próprio Secretário. Tenho à minha frente agora, com data de 13-10-70: "Vamos ter nosso Museu Histórico Municipal, ao mais tardar, até o início do próximo ano", — (1971) — palavras do Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro, que anunciava ainda: "O Museu Histórico Municipal aglutinará o acervo histórico da cidade, hoje exposto em vários museus, inclusive particulares".

Fala ainda na Pinacoteca e na Monografia sobre a História dos Bairros de Campinas. Já a 7-4-71, — como vimos, seis meses após aquelas incisivas declarações, outro recorte: — "Instalação do Museu", sugerindo diferentes locais, — que nem isso ainda havia sido deliberado!

A 4-8-71, — quase um ano após as primeiras declarações do sr. Secretário, volta ele à imprensa para dar notícia de "Microfilmes de documentos históricos de Campinas". Tudo muito importante, mostrando que há muito o que expor nesse pretendido Museu, além do que já "se encontra em diversos museus, inclusive particulares!" Mas... o Museu mesmo, nada!

Tememos encerrar o período deste Governo Municipal, sem que a idéia seja concretizada, quando tanto esperávamos do ilustre Secretário de Educação e Cultura, e do seu esclarecido e dinâmico Diretor do Departamento de Cultura, que além de renomado historiador, muitas vezes laureado, no Brasil e no Exterior, interessa-se sobremaneira, pelos estudos da História da cidade e da divulgação da Cultura, em geral, — o Presidente da Academia Campinense de Letras, Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho.

Agora, no limiar deste ano de 72, — ano de suma significação histórica, quando temos quatro efemérides das mais significativas, quais sejam, o sesquicentário da Independência do Brasil, o quadringentésimo de "Os Lusíadas", o quadragésimo da Revolução Constitucionalista, e o quinquagésimo da "Semana de Arte Moderna", não seria a época certa para que se concretizasse uma aspiração das mais justas, daqueles que se dedicam aos estudos históricos e ao culto das tradições, e vêm lutando ingloriamente, há anos, sem e encontram repercussão por parte de representantes dos poderes públicos?

Sei que estou, uma vez mais, ferindo suscetibilidades. Sei que muitos não gostarão das verdades que aqui exponho, mas se não houver uma voz desabrida, a gritar, a sacudir os altos pedestais em que se encontram, continuaremos a esperar... esperar... até quando, só Deus sabe! ... E minha missão como jornalista, como campinense honorária, como interessada no desenlace da idéia, não é ser simpática e benevolente. (Quando há algo que elogiar e enaltecer, sou a primeira a vir, de público, incensar os verdadeiros autores do feito. Portanto...)

Voltando ao assunto inicial: "Campinas será a Capital da História", em julho próximo. O jornalista e historiador Benedito Barbosa Pupo fez o favor de enviá-lo, há já algum tempo, cópia do temário a ser desenvolvido durante esse Congresso, que ele faz questão de salientar: "não ser apenas restrito a professores universitários pois abre suas portas a todos os que se dediquem à pesquisa e ao estudo da História, sejam ou não professores universitários".

A primeira sessão é dedicada à História Social e Econômica; a segunda, à História Política e Administrativa; a terceira, à História Cultural; a quarta, à História Militar; a sexta, a História Regional; e a sétima, à História Local.

Justamente é este último aspecto o que mais nos interessa: condições de povoamento, alterações na estrutura da população, evolução urbana, participação da cidade nos principais movimentos da História de São Paulo, — fatos esses, que Campinas tem muito a revelar, pois que é notória a sua participação em todos os movimentos importantes de São Paulo e do Brasil.

Como Campinas, em 74, celebrará seu bi-centenário, há o interesse do estudo das instituições campinenses de relevância social, econômica e política: colégios, institutos de pesquisa, igrejas, clubes, associações culturais, imprensa, etc. Aqui é que nos devemos deter e dar a nossa con-

tribuição, porque, como diz o professor Sudário, a História de Campinas está parada! Nada se escreveu sobre Campinas do século XX! Aliás, esse mesmo professor, muito oportunamente, ainda a 13-1-72, cobrava a publicação das conferências proferidas no Centro de Ciências, pelos membros da Academia Campinense de Letras, sobre a Literatura de Campinas, pela pri-

meira vez focalizada no ano passado, com a colaboração daquela entidade, mais o Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da U.C.C., em dez excelentes aulas, com grande interesse de alunos e estudiosos, e que aquele Departamento da Universidade se comprometera a publicar, e até agora, infelizmente, ainda não se manifestou, embora saibamos que não lhe falta verba para tanto. Voltaremos ao assunto.